

DAS REDES SOCIAIS PARA A OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO EM BELO HORIZONTE

Utopia Carnavalesca e transfeminista da Praia da Estação

*FROM THE SOCIAL MEDIA TO THE OCCUPATION OF THE
PUBLIC SPACE IN BELO HORIZONTE*
Praia da Estação, a Transfeminist and Carnavalesque Utopia

João Pedro Silveira-Martins¹

Resumo

A Praia da Estação é um movimento que mistura carnaval com manifestação política. Criada em 2010 após um decreto higienista do prefeito de Belo Horizonte, Minas Gerais, hoje se transformou numa referência de encontros e (re)descobertas de vivências urbanas, discussão sobre como fazer cidade e debates sobre popularização da cultura na área metropolitana com suas diversas intersecções de classe, gênero, orientação sexual e raça. Este artigo pretende explicar o processo de renovação urbana no Brasil neoliberal abrindo debate com o Direito à Cidade e descrever como as discussões nas redes sociais sobre urbanismo e vivência urbana chegaram às ruas na metrópole mineira e se transformou num espaço de luta misturada com a efervescência do carnaval.

Palavras-chave: Belo Horizonte, direito à cidade, Praia da Estação, carnaval.

Abstract

CPraia da Estação is a movement that mingles carnival with political manifestation. Created in 2010 after an authoritarian order by the mayor of Belo Horizonte, Minas Gerais, today it has become a reference for meetings and (re)discoveries of urban experiences, discussion on how to make a city and debates on popularization of culture in the metropolitan area with its various intersections. class, gender, sexual orientation and race. This article intends to explain the process of urban renewal in neoliberal Brazil, opening a debate with the Right to the City and describing how the discussions on social networks about urbanism and urban living reached the streets in the metropolis of Minas Gerais and became a space of resistance mixed with the effervescence of the Carnival.

Keywords: Belo Horizonte, right to the city, Praia da Estação, carnival.

¹ Pesquisador do Centro de Estudos e Pesquisa sobre Migrações (Universidade de Barcelona e Universidade Autônoma de Barcelona). Doutor em Sociologia pela Universitat Autònoma de Barcelona (Espanha, 2024) com período sanduíche na University of the Witswatersrand (África do Sul, 2024). Mestre em Sociologia pela UFRGS (Brasil, 2018) e graduado em Relações Internacionais pela PUC Minas (Brasil, 2016).

Introdução

Este artigo busca elucidar e apresentar como o principal evento dedicado à luta pelo Direito à Cidade em Belo Horizonte, Minas Gerais, se iniciou pelo espaço digital, pelas redes sociais, e culminou num local de intensa redescoberta do uso do espaço físico e de encontros de diferentes tribos urbanas. Trata-se do evento da Praia da Estação, que ocorre desde o verão de 2010, lutando pela liberdade de expressão na Praça da Estação, no hipercentro de Belo Horizonte, que foi recentemente renovada pela prefeitura e alvo de um decreto contra manifestações artísticas e políticas.

O contexto em questão é a redescoberta do centro das grandes metrópoles brasileiras, em constante disputa entre o poder público e os cidadãos e cidadãs de diversas classes e vivências. Este artigo apresentará uma breve explanação sobre os recentes paradigmas de gestão urbana no Brasil, sobretudo no período neoliberal, e introduzirá o debate do Direito à Cidade por David Harvey (1989).

Em seguida, as suas próximas seções apresentarão como o movimento da Praia se iniciou no círculo de debates virtual e depois se transformou numa nova forma de entender o movimento social como um espaço de utopia, de união pelo lúdico, e de prazer junto às redescobertas das infinitas vivências que uma grande praça no hipercentro metropolitano pode trazer aos indivíduos.

Junto à revisão bibliográfica de trabalhos locais sobre o evento, e de diversos autores da questão urbana e da(s) identidade(s) coletiva(s) dos brasileiros, foram feitas algumas entrevistas semi-estruturadas com 6 participantes do Movimento, para compreender melhor as percepções destes indivíduos sobre a constituição da identidade coletiva do banhista da Praia da Estação e como o universo carnavalesco, recriado no evento, é uma força motora de coesão social a partir de um problema em comum: a ocupação do espaço público.

As questões foram baseadas no envolvimento pessoal com a Praia, no entendimento sobre luta pelo espaço público e em como o processo de carnavalização influencia na coesão entre os participantes. Foram realizadas meio de mensagens pessoais com participantes voluntários, duas mulheres e quatro homens, que freqüentaram a Praia por períodos entre 2 a 4 anos seguidos durante suas vivências na cidade de Belo Horizonte entre 2010 e 2016.

Para início de conversa: requalificação urbana no Brasil

No Brasil, os processos de urbanização acompanharam a “modernidade incompleta” do capitalismo tardio que o país se inseria ao início do século XX. O grande crescimento populacional no pós-guerra, o êxodo rural e as grandes migrações trouxeram inchaços nas metrópoles do país, que passavam por uma rápida industrialização. A partir dos anos 1970, ficaram evidentes os problemas de marginalização, favelização e exclusão social do modelo de urbanismo brasileiro. A principal consequência, e a que mais interessa a este trabalho, foi o abandono do centro das grandes cidades ao interesse do poder público (Soares, 2006).

Embora ainda vivos, com grandes manifestações artísticas e políticas, os centros das grandes cidades brasileiras passaram por um processo de decadência enquanto a venda de condomínios e loteamentos afastados das áreas centrais eram vendidos à classe média. Acreditou-se na decadência das grandes metrópoles, que já eram facilmente relacionadas à falta de recursos, pobreza e marginalização, mas os anos 1990 com a abertura ao neoliberalismo trouxe novas perspectivas - não necessariamente positivas

- para a recuperação da atenção às grandes cidades e trouxe diversos projetos de renovação dos centros (Soares, 2006).

As metrópoles voltam a estar no centro das atenções como vetores de concentração de capital e investimento, e começa um processo não muito claro e organizado de reformulação “perimetropolitana” e “intrametropolitana” (Soares, 2006). São recriados museus, centros culturais, agências bancárias, cafés e restaurantes, tudo para dar um novo ar ao que estava abafado por anos de descuido. A “memória histórica” da cidade é lembrada por meio de “produtos culturais”, e ocorrem simultaneamente em várias partes do mundo, padronizando o espírito das cidades para o lazer, de uma forma gentrificada e planejada (Jeudy, 2005).

Belo Horizonte não escapa desta ordem, e ao fim dos anos 1990 inicia-se um enorme processo de renovação e revitalização do centro da cidade. Começa uma grande campanha de monitoramento do centro da cidade, o chamado Projeto Centro Vivo, renova-se os pontos turísticos da cidade, reestrutura-se as praças com elementos mais limpos e de “fácil” policiamento - poucas árvores e bancos, e grandes espaços livres e transitórios nos entornos. Criam-se discursos sobre como o espaço deve ser utilizado, são criadas diversas leis para controlar o uso das praças e novas vias no centro da cidade e o policiamento aumenta para evitar conflitos (Albuquerque, 2013).

O objetivo desde grande projeto de requalificação urbana, reestruturação do espaço no centro da cidade e reformulação dos paradigmas de ocupação desses locais esteve no centro das discussões de grandes manifestações na metrópole na última década. Duvida-se, no entanto, que estas modificações foram feitas visando o bem-estar da população que ali frequenta. O processo de renovação do centro da capital mineira demonstrou que há um grande interesse no policiamento, no monitoramento dos transeuntes e na privação do uso do espaço para as camadas mais simples.

A discussão sobre estas profundas mudanças nas políticas urbanas para a região podem ser incluídas no grande debate sobre Direito à Cidade, que discute modificações no espaço urbano com a globalização e a efetiva “produção” do espaço nas grandes metrópoles, por meio de investimentos públicos, policiamento, limpeza social e venda deste espaço para grandes empreiteiras e imobiliárias. Harvey apresenta como o espaço passa a ser a maior solução de crises de superprodução e superacumulação do capitalismo, observando os recentes investimentos imobiliários e de reformulação dos espaços urbanos, como a construção de grandes torres de negócios, centros de pesquisa internacional e espaços gentrificados para os detentores de poder nas cidades (Harvey, 1989).

É uma releitura importante sobre as funções da terra e da renda na acumulação capitalista para compreender como os investimentos financeiros são cristalizados na cidade e alteram, talvez por séculos, toda a paisagem urbana e espaço de vivência dos cidadãos para objetivos mercantilistas (Harvey, 2013). A discussão central em seu trabalho é como o local deixa de ser o espaço de reprodução básica da vida para ser uma forma de produção de capital, alterando drasticamente a vida dos cidadãos pelo uso do espaço na acumulação de capital (Harvey, 1989).

O processo de apropriação do espaço ocorre da seguinte maneira: o capital “flutua” pelo universo transnacional e, ao ocorrer uma crise de superacumulação, “pousa” em determinado território planejado com alta rentabilidade para suprir os juros, processo chamado de “compoundgrowth”. Ao fixar-se num território, o capital fictício envolve a terra e a propriedade no sistema financeiro, utilizando seus códigos e sua forma de manejo comercial. A propriedade privada transforma-se numa forma de “religião”, substituindo até mesmo ao imaginário de Deus pois possui monopólio e exclusividade

do espaço. Este, para ser sempre reconfigurado como um produto e estar no interesse dos consumidores, é constantemente renovado, quebrando paradigmas e criando uma idéia semelhante a uma destruição inovadora, tornando obsoleto e reconfigurando o espaço (Harvey, 2013).

Com essa configuração do capitalismo contemporâneo, as crises passam a ser resolvidas com o espaço. A apropriação de lugar é essencial. Se há uma crise de mão-de-obra, expande-se a produção outro território, ignorando as fronteiras e utilizando o fluxo de capital e a facilidade de transportes. Para resolução de questões envolvendo elasticidade, utiliza-se da inserção a novos locais para conseguir mão de obra, alterando os espaços e as sociabilidades para ser um lugar do marketing e do hibridismo cultural para a venda de produtos da cultura capitalista contemporânea (Harvey, 2013).

Se o espaço passa a ser parte de um sistema financeiro internacional e mercantilizado como produto, de quem é a cidade? O “direito à cidade” não interessa apenas aos cidadãos, que buscam o direito à habitar e viver, mas também para os investidores buscando resolução de problemas pessoais ou financeiros, engenheiros visando o lucro e políticos envolvidos em processos de corrupção, mascaradas em obras públicas. O autor não quer o direito à cidade sobre ser incluído em políticas públicas, mas clama pela consciência sobre exercer o direito de apropriar-se do espaço e usá-lo como desejar. É transformação intensa da apropriação e desejo de organização social para desmercantilizar a terra, a propriedade e recolocar o espaço como lugar de vivência de mulheres e homens para sua própria vida (Harvey, 2012).

Voltando à discussão sobre Belo Horizonte, é interessante como as discussões sobre o uso do espaço público na cidade começaram no espaço virtual. A internet, no início da segunda metade do século XXI, foi o primeiro local de discussão e reunião de ativistas interessados nos processos de produção do espaço no centro da cidade após um decreto de proibição de uso da Praça Rui Barbosa, mais comumente conhecida como Praça da Estação. Foi a partir de um blog iniciado em 2010 que se criou o maior evento de manifestação pelo Direito à Cidade na capital, A Praia da Estação², que completa seu sexto ano com uma série de discussões sobre expressão artística, política e de orientação sexual e gênero no espaço do centro da cidade.

Cria-se uma praia em Belo horizonte

Se diz pelas ruas da capital mineira, que não é Minas que não possui o mar. Mas sim o mar que não possui Minas. A falta de um calçadão, de ondas e de um oceano, no entanto, parece ter sido inspiração para a luta pelo Direito à Cidade na metrópole nos últimos anos. Embora esteja a centenas de quilômetros do litoral, Belo Horizonte possui há seis anos uma praia. É o movimento da Praia da Estação, que ocorre desde o verão de 2010 na emblemática Praça da Estação, onde saíam todos os trens que ligavam a cidade com seu interior e com as outras capitais, bem no hipercentro da cidade, onde milhares de pessoas passam diariamente.

A Praça da Estação, oficialmente chamada de Praça Rui Barbosa, está localizada no hipercentro da cidade, entre a Rua da Bahia e as ruas Guaicurus e Caetés, a Avenida dos Andradas e possui linhas de trem, metrô e corredores e ônibus ao seu redor. Está no centro de uma intensa zona passagem de homens e mulheres que chegam da área metropolitana para trabalhar na capital, da região de comércio popular e de uma região delicada com muitos moradores em situação de vulnerabilidade social, vícios

² Observou-se também a grafia de “O Praia da Estação” por alguns canais de comunicação e manifestantes.

em drogas e também da rua da prostituição. Ela também abriga o Museu de Artes e Ofícios, importante obra de modernização da cultura no estado, e há décadas é o local onde ocorrem shows de todo tipo, festivais públicos e manifestações artísticas e políticas na cidade (Albuquerque, 2013).

Em meados de 2004, seguindo o programa Centro Vivo, o prefeito Fernando Pimentel³ em seu primeiro mandato como prefeito da cidade, apresenta um projeto de reformulação na esplanada da Praça. O objetivo alegado era possibilitar maior manifestação cultural e aglomerações de pessoas, além de facilitar o acesso à Estação de Trem e Estação Central do Metrô de Belo Horizonte. Pode-se compreender esta requalificação como uma ressignificação do espaço urbano no centro da cidade. Uma medida que se inicia pela medida pública e afeta a vivência das pessoas que ali passam (Albuquerque, 2013).

Diversos eventos públicos continuaram a ocorrer neste espaço, mas em poucos meses, o então prefeito Márcio Lacerda, filiado ao Partido Socialista Brasileiro, criou naquele verão o Decreto Nº 13.798 de 09 de dezembro de 2009, proibindo eventos “de qualquer natureza” Praça, privando qualquer tipo de manifestação artística, cultural e política em um dos principais locais de manifestação popular na cidade. Ora, este espaço foi fundado na construção da cidade e foi palco de manifestações e encontros de todos os tipos há muitas décadas. Desde meados dos anos 2000, no entanto, as grandes obras de renovação urbana na área metropolitana de Belo Horizonte iniciaram medidas de caráter bastante duvidoso para a ocupação e expressão cultural dos cidadãos e cidadãs que freqüentam os espaços da urbe (Praça Livre BH, 2012).

A primeira justificativa para esta medida foi a impossibilidade de definir o número de pessoas que pudessem freqüentar o espaço, dificultando assim o trabalho de segurança dos cidadãos. A segunda, a manutenção do patrimônio histórico contra vândalos que freqüentavam os eventos públicos em Belo Horizonte. Estas medidas parecem bastante controversas, levando em consideração que o próprio projeto de requalificação da Praça objetivava um acesso mais democrático à cultura para a população belo horizontina (Praça Livre BH, 2012).

A mobilização sobre este decreto, no entanto, foi mais rápida do que sua execução. Nos dias seguintes, foi criado um blog chamado Vá de Branco, que reuniu diversas informações e discussões iniciais sobre o uso do espaço urbano, indagando sobre a medida do então prefeito. Esta foi a primeira mobilização organizada pelas redes sociais para discutir o Direito à Cidade em Belo Horizonte, que depois germinou numa série de blogs, páginas do Orkut e Facebook e eventos que iniciavam a discussão do uso do espaço público pelas redes, para depois aplicá-lo na prática em diversas ocupações urbanas (Albuquerque, 2013).

O blog Vá de Branco convidou toda a população para vestir branco e comparecer a uma vigília na Praça da Estação às 17h do dia 7 de janeiro de 2010. A discussão inicia-se indagando os motivos de este decreto de proibição da cultura ter sido feito justamente na praça onde as classes mais baixas freqüentam e discutindo qual é o motivo de cortar o acesso à cultura no maior espaço de realização de eventos do hipercentro da cidade, local onde historicamente os trabalhadores e os estudantes se encontram (Albuquerque, 2013).

³ Fernando Pimentel, filiado ao PT, era vice do então prefeito Célio de Castro, eleito pelo PSB em 2000 e afastado do cargo por motivos de saúde. Pimentel assume o cargo da prefeitura e em 2004 se reelege, estando no poder até 2008 quando, apoiado por ele, Márcio Lacerda ganha a prefeitura da cidade pelo PSB.

Para refletir Porque a Secretaria de Segurança Patrimonial não propôs um debate com a população sobre a depredação na Praça da Estação? Porque os eventos foram proibidos na Praça da Estação e não na Praça do Papa? Porque poucas pessoas entram no Museu de Artes e Ofícios que fica na Praça da Estação? Qual é o maior espaço central para eventos gratuitos em Belo Horizonte? Quais foram as depredações dos últimos eventos? Será que a decisão tem a ver com as discussões sobre a mudança do carnaval de Belo Horizonte da via 240 para a Praça da Estação? (Vá de Branco, 2010).

Foi criada uma lista de e-mails vinculada ao “Vá de Branco” e iniciou-se um debate virtual sobre as melhores alternativas de manifestar a indignação pelo decreto e recuperar o uso do espaço público na Praça. Cinco dias após a primeira manifestação, surge um convite para uma nova forma de manifestar contra a medida: “Praia na Praia da Estação”. Um convite anônimo, propondo a ocupação do espaço com descontração e diversão, numa espécie de “protesto festivo” usando trajes de banho e instrumentos musicais para debater em conjunto o uso do espaço público (Albuquerque, 2013). A discussão inicial sobre o evento já demonstrou uma série de divergências entre os internautas em relação aos primeiros moldes do evento. Discutia-se a possibilidade de publicizar A Praia ou de conferir maior legitimidade a um determinado coletivo, embora a autoria do convite nunca tenha sido revelada. A discussão seguiu pelo Twitter e pela lista de e-mails dos interessados no evento, que já estava marcado para o próximo sábado.

Se, de um lado do debate, muitos manifestantes reivindicavam a necessidade de conferir maior visibilidade para a Praia, como forma de chegar a outros segmentos da população, de outro, o ato de escrever um release é entendido como uma tentativa de homogeneizar a diversidade de perspectivas ali presentes, atribuindo qualidades a um movimento (ou a um coletivo) que sequer existia. (Albuquerque, 2013, p.17)

O anonimato se manteve, mas foi criado uma nova lista de e-mails, vinculada à conta no Twitter @pracalivrebh, que reunia diversas informações sobre esta nova forma de manifestar que se iniciava na cidade. Uma lista de e-mails vinculada à conta foi criada para novos diálogos entre os internautas e A Praia da Estação foi divulgado em diversos blogs e páginas relacionadas a Belo Horizonte. No dia 13 de janeiro de 2010, cerca de 300 banhistas ocuparam a praça com caixas de isopor e instrumentos musicais. Já imaginando que a prefeitura não ligaria as fontes do espaço, foi contratado um caminhão-pipa para refrescar os manifestantes (Praça Livre BH, 2012).

As atividades de discussão sobre o desenho do movimento iniciaram-se numa coordenação entre algumas reuniões presenciais na Praça, sempre calcadas em discussões em três espaços virtuais: blogs, perfis do Twitter e lista de e-mails de interessados. Parece complicada a tarefa de separar os espaços virtuais e presenciais da discussão, pois ambos estiveram atuando em completa sincronia para a realização do evento. É interessante remarcar, também, o óbvio: embora baseadas em discussões online, o tema e a centralidade da própria manifestação é o uso do espaço físico e da cidade. Os eventos da Praia foram, portanto, resultado das discussões online mas também uma contraposição à virtualidade do ativismo moderno que a iniciou. Pode-se entender a Praia como uma “sobreposição” entre a dimensão virtual e presencial das discussões, denotando um hibridismo deste tipo de manifestação (Albuquerque, 2013).



Figura 1 - Convite para praia da Estação. Retirada do blog Conjunto Vazio. Disponível em < <https://conjuntovazio.files.wordpress.com/2010/01/praiada-estacao.jpg> > Acesso em 29 de agosto de 2021.ida.

A Praia da Estação, da união, do carnaval e do prazer

A Praia da Estação só aumentou de tamanho e se transformou em um dos principais espaços de lazer e expressão cultural na cidade. São eventos realizados aos sábados, sobretudo entre os meses de setembro e abril, iniciando-se às 14h e terminando às 22h. A adesão de banhistas varia entre 800 e 3000 pessoas de classes sociais completamente distintas. Diversos grupos de música e dança participam do evento. Há grupos de forró, maracatu, música *techno*. E diversos produtos “inventados” pelas barracas de comerciantes já são símbolos dos fins de semana de Belo Horizonte, como o “catuçai”, uma mistura de catuaba com açaí que se transformou num símbolo da identidade da esquerda belo horizontina.

Ocupações culturais diversas também encontraram seu espaço na Praia e, mais recentemente, esteve diretamente ligada às questões de raça, orientação sexual e identidade de gênero na cidade. Recebe diversas apresentações de ativistas lésbicas, gays, transexuais e travestis; grupos que buscam a manutenção e enaltecimento da cultura afro-brasileira e afro-mineira, como os grupos de Tambor Mineiro, maracatu e blocos carnavalescos de empoderamento transfeminista antirracista.

De 22 a 29 de janeiro de 2019, no mês da Visibilidade Trans, Belo Horizonte sediou a primeira edição do **Festival TransViva**, um manifesto artístico e político pela vida das pessoas trans. Durante uma semana de intensa programação, o evento trouxe uma ampla gama de atividades, incluindo uma rodada de negócios, oficinas de qualificação profissional, apresentações culturais, mesas de debates, exposições e oficinas artísticas. Reconhecendo que o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo, o Festival TransViva surgiu como uma provocação e resposta ao contexto de violência, promovendo a celebração da vida trans em sua plenitude. Com o lema

“Somar corpos para transformar, ressignificar espaços, transbordar mentes”, o festival utilizou a arte como espaço de diálogo e transformação social (UFMG, 2019).

A programação buscou quebrar barreiras entre pessoas trans e cisgêneras, criando encontros que desafiavam a marginalização dos corpos trans e promoviam o respeito ao lugar de fala, à escuta e à aceitação das diferenças. Toda a realização do festival foi conduzida por pessoas LGBT, majoritariamente transgêneras, negras e jovens, destacando seu protagonismo na idealização e execução do evento. O **TransViva**, o primeiro festival de arte trans de Minas Gerais, foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte e destacou-se como um marco de resistência, ocupação e ressignificação dos espaços públicos, consolidando a luta pelo direito à cidade e à vida digna para todos (UFMG, 2019).

Observa-se que o evento é inspirado na luta e ação coletiva, mas possui características completamente vinculadas ao prazer do carnaval. Melo (2014) apresenta que o movimento de carnavalização, que cunha desde o princípio a identidade desses manifestantes, está fortemente vinculado à “subversão pelo riso” de hierarquias de poder na cidade. Esses ativistas, geralmente advindos da geração posterior aos anos 1990, possuem uma linha divisória menos fluida entre arte e política (Melo, 2014). A ritualização do carnaval, enquanto uma força motora de mobilização dos banhistas para a discussão política, pode ser entendida como uma reconstrução do universo social, por alguns momentos de alegria e festa, onde os indivíduos se encontram com o “essencial humano”. O carnaval, para a cultura brasileira, é o espaço onde se reinventa o “poder do sistema”, mas também se espera e deseja o mundo completamente fora do normal. Nega-se o tempo, destrói-se concepções de mundo e se adentra num universo à parte do que se vive. (Damatta, 1997). O carnaval popular, e também os movimentos de carnavalização como a Praia da Estação, são espaços onde se evidencia as feridas da sociedade, e “as tensões entre aquilo que desejamos ser e aquilo que apresentamos ser” (Melo, 2014, p.64). O carnaval parece demonstrar a falta de coesão e espírito de coletividade que a sociedade pós-moderna vivencia e recria o próprio lúdico como forma de coesão (Melo, 2014). Assim como DaMatta (1997) define o carnaval, “a esperança de ver o mundo de cabeça para baixo” (Damatta, 1997, p.29). Pessoas sem frescuras, que tem tesão em repensar o espaço urbano e ocupá-lo de diversas formas (Mateus O.)

Eu considero A Praia da estação um dos movimentos sociais de ocupação urbana mais criativos de todos os tempos porque ousa dar um significado diferente para um espaço esquecido, e porque não dizer, abandonado pelo poder público (por razões convenientemente políticas) conclamando a população para festejar e, ao mesmo tempo, dando voz e corpo aos cidadãos considerados invisíveis pela prefeitura da capital. (Thiago E.).

A Praia, no entanto, não deixa de lado seu caráter de ação coletiva. Embasada no lúdico e no utópico, cumpre com o papel de coordenar o trabalho coletivamente para interesses compartilhados (TILLY, TARROW, 2007). Recria um universo festivo e utópico, agregando indivíduos de identidades e vivências completamente distintas, mas unidos a partir de um assunto em comum: ocupar o espaço urbano.



Cria uma maior integração com a cidade e aumenta o sentimento de pertencimento social (Paulo B.).

A festa possibilita o encontro de pessoas diferentes e acaba sendo uma experiência ímpar de sociabilidade que tende a diminuir preconceitos sociais, o que contribui para a melhoria de vida em sociedade (Ana Paula R.).

Ela cria, portanto, um universo paralelo numa metrópole cinza, onde se pode vivenciar a experiência de uma praia a centenas de quilômetros do litoral. Um sonho tão distante quanto a possibilidade de efetiva ocupação e expressão cultural no urbano, dominado por relações de poder em disputa pela produção do espaço, e que se realiza naquele momento festivo. E que produz uma incrível força de mobilização social e de novos encontros entre diferentes tribos urbanas. A principal característica da Praia foi a capacidade de trazer o prazer do carnaval, sem deixar de seguir uma ordenação de luta contra a o sofrimento, ao entender a opressão como algo “moralmente condenado” (Moore Jr, 1987). As relações de poder entre a prefeitura, no processo de produção do espaço, e os cidadãos que vivenciam esse espaço, passam a ser ressignificados pela invisibilidade que a requalificação urbana trouxe àquelas pessoas. E cria-se um movimento coletivo para lutar contra esta opressão.

Não ocupá-lo [o espaço público] é dar margem para que a administração faça e aja com o fim de privatizar espaços públicos, ou de deixá-los deteriorar, não cuidar deles. Além disso, a ocupação favorece o relacionamento entre cidadãos da cidade e propicia o surgimento de novas pautas a serem levantadas em âmbito municipal (Matheus C.)

A praia é um movimento social de interação e reapropriação do espaço público. É uma resposta ao prefeito Márcio Lacerda, que sempre limitou ou interferiu nas participações populares dentro do espaço urbano. A praia veio para mostrar que a praça é de todos, a qualquer hora e em qualquer ocasião. É onde o cidadão tem voz (Ana Luíza L.).

Percebe-se que a coesão entre os cidadãos e cidadãs que ocupam este espaço está calcada no poder de enunciação que a Praia trouxe. É um movimento contra a precarização do espaço, a dominação do espaço público pelas forças de poder, mas sobretudo de união de pessoas de diferentes origens sociais para terem uma voz, coletivamente.



A Praia da Estação foi fortemente influenciada por movimentos modernos das lutas urbanas. Acompanhou o desenvolvimento das políticas urbanas nos anos seguintes com bastante sincronia com o Movimento Tarifa Zero, que atua no campo da mobilidade urbana; esteve muito presente nas discussões anti-Copa, que discutiam a necessidade das grandes obras faraônicas da Copa 2014 em Belo Horizonte; apoiou as manifestações de Junho de 2013; esteve em conjunto com Assembleias Populares Horizontais (Melo, 2014).

A cada Praia, é realizado um convite a debater questões de ocupação urbana, identidades de tribos urbanas, combate à violência e preconceitos diversos e enaltecimento do espírito carnavalesco. É um movimento que sempre renova suas pautas e age de acordo com os últimos acontecimentos locais e nacionais, mas ainda voltado para a luta urbana. Os eventos são realizados por blocos temáticos a partir de situações consideradas importantes para os banhistas de serem pautadas e discutidas publicamente, como violência contra LGBTs, empoderamento feminino; gentrificação em Belo Horizonte; debate contra o Golpe Parlamentar, etc (Melo, 2014).

Poxa, a cidade é nossa. E mesmo assim as pessoas acabam sendo cada vez mais alijadas desse espaço e sendo obrigadas ao confinamento dos seus apartamentos. Respirar, viver, ocupar a cidade é importante até mesmo para entendê-la e pensá-la melhor (...) o que a Praia da Estação fez com Belo Horizonte num período de seis anos não é brincadeira...Favoreceu o surgimento de um carnaval de rua e de luta, se mistura com diversas reivindicações e atos políticos. É incrível! (Mateus O.)

[A Praia] é um movimento social que sabe misturar política e puro lazer (Ana Paula R.)



Figura 4 - Duda Salabert visita a Praia da Estação antes das eleições para prefeitura em 2024. Foto por Gustavo Guzanhe/EM/D.A. Press.

Observa-se que a Praia da Estação introduziu, pela coesão na utopia da carnavalização, a consciência sobre a recuperação da cidade pelos cidadãos e cidadãs. Ao experimentar o espaço, se redescobre como ocupá-lo. Ao ter prazer no espaço, e discutir com pessoas de diferentes experiências e lutas urbanas, se ressignifica o que é viver a própria cidade e como entender a razão de ocupá-la.

A Praia da Estação tem se consolidado como um espaço de debates sociais relevantes, destacando lideranças que impulsionam a luta por cidades mais inclusivas e humanas. Em uma de suas recentes edições, contou com a participação de **Duda Salabert**, deputada federal e a primeira mulher trans a se candidatar à prefeitura de uma capital brasileira. Duda, reconhecida por sua trajetória política e ativismo pelos direitos LGBTQIA+, aproveitou o momento para criticar a falta de infraestrutura básica na Praça da Estação, como banheiros, bebedouros e áreas arborizadas, mesmo após a recente reabertura do espaço com obras de revitalização (Souza, 2024).

Durante sua visita, Duda reafirmou a importância de espaços públicos acessíveis e acolhedores, ressaltando que a humanização das cidades depende diretamente de políticas que valorizem a diversidade e garantam o direito de todos ao uso pleno dos espaços urbanos. Sua participação na Praia da Estação fortaleceu o caráter político do evento, que já é um marco na luta pelo Direito à Cidade e pela ressignificação do espaço público em Belo Horizonte (Souza, 2024).

Considerações finais

A Praia da Estação é um exemplo notável de como ocupações urbanas podem impulsionar a diversidade e revitalizar espaços populares. Quando um espaço público é privatizado e transformado em foco de luta coletiva, emerge a oportunidade de reimaginá-lo e reocupá-lo de maneiras inovadoras, promovendo novas formas de

sociabilidade e uso da cidade. Esse movimento coletivo resulta em um renascimento compartilhado, onde as inúmeras possibilidades de vivência urbana são redescobertas e fortalecidas. Na Praia da Estação, diversos coletivos convergem para criar uma rede vibrante de debates sobre o **Direito à Cidade**, demonstrando como a ocupação consciente e criativa dos espaços públicos pode transformar o cenário urbano em um ambiente mais trans-inclusivo e democrático.

O debate sobre gentrificação e Direito à Cidade chegou tardiamente no Brasil, mas encontrou grande força nos movimentos sociais da geração pós-1990. A experiência de Belo Horizonte demonstra como a interlocução virtual sobre um problema em comum pode sim se transformar numa experiência de sucesso de ação coletiva. A Praia da Estação foi criada por acaso e imaginada como apenas um evento descontraído e rebelde contra a prefeitura, mas se transformou num grande espaço de criação de novas identidades e de encontros.

As redes sociais possuem uma característica interessante, e bastante controversa, que é o anonimato para a postagem. Não se pode dizer claramente o primeiro responsável pela Praia da Estação, e o desenho da manifestação nunca possuiu de fato uma grande autoria, embora tenha sido largamente discutido por diversos coletivos anarquistas e de esquerda na cidade, como apresentou Albuquerque (2013). O anonimato da autoria, no entanto, ainda se manteve.

Esta característica pode nos fazer refletir sobre a liberdade de expressar seu interesse contestatório ou sua ideia de manifestação publicamente, sem medo de ser reprimido ou recusado. Se apenas um convite anônimo se transformou num evento de tantas proporções, pode-se presumir que há uma vantagem em se expressar pela internet sem receio (embora isto seja uma faca de dois gumes, se observarmos o aumento do fascismo e do bullying digital).

O fenômeno da Praia da Estação é bastante interessante para o debate de Direito à Cidade justamente por ter sido iniciado nas redes digitais para refletir como ocupar a cidade. A questão se inicia no espaço urbano, físico, e foi formulada pelas redes sociais, para depois voltar ao espaço público como forma de projeto. A partir desse ponto, foi possível observar como a experiência de ocupação do espaço trouxe um fortalecimento da identidade dos manifestantes em relação ao carnaval e um novo horizonte de experiências urbanas e debates sobre vivências na cidade.

O primeiro fato, da carnavalização, demonstrou como o lúdico, a recriação de um espaço de contestação e de um universo paralelo à realidade urbana, burocratizada, dura, cinzenta, é um grande fator de união entre os manifestantes para o objetivo comum. Demonstra como a eferescência da manifestação e do engajamento político pode estar reflexivamente vinculado ao prazer de protestar: o ativista tem o prazer como maior motivo para participar do protesto e o protesto utiliza o próprio prazer como razão de contestação das medidas de opressão da prefeitura.

O segundo, sobre a experiência, demonstra que este tipo de manifestação calcada na expressividade e no lúdico, trouxe encontros de tribos completamente distintas que não encontravam muito diálogo na correria da grande metrópole. A partir do momento que as pautas políticas, de interesse comum, foram postas junto a um local de convivência, diversão, e encontros, a cidade é redescoberta como um espaço de encontros e os homens e mulheres que coabitam na cidade passam a compreender de forma mais clara as necessidades e direitos que o/a outro/a precisa para que o espaço urbano seja mais justo e democrático.

Referências

- ALBUQUERQUE, Carolina Abreu. *“Ei, polícia, a praia é uma delícia!”: rastros de sentidos nas conexões da Praia da Estação*. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- HARVEY, David. *Rebel cities: from the right to the city to the urban revolution*. Londres: Verso, 2012.
- HARVEY, David. *Os limites do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- HARVEY, David. *The urban experience*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1989.
- JEUDY, H.-P. *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- MELO, Thálita Motta. *Praia da Estação: carnavalização e performatividade*. 2014. Dissertação (Mestrado em Belas Artes) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- MOORE Jr., Barrington. *Injustiça: as bases sociais da obediência e da revolta*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PRAÇA LIVRE BH. *Praia da Estação numa esquina da Piauí_66*. Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://pracalivrebh.wordpress.com/category/prai-da-estacao/>. Acesso em: 25 ago. 2021.
- SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. *Metamorfoses da metrópole contemporânea: considerações sobre Porto Alegre*. São Paulo: GEOUSP - Espaço e Tempo, n. 20, p. 190-143, 2006.
- TILLY, Charles; TARROW, Sidney. *Contentious politics*. Boulder: Paradigm Publishers, 2007.
- VÁ DE BRANCO. *Vá de Branco*. Disponível em: <http://vadebranco.blogspot.com.br/2009/12/7-de-janeiro-de-2010.html>. Acesso em: 25 ago. 2021.
- SOUZA, Giovanna de; WERNECK, Gustavo. *Na Praia da Estação, Duda critica falta de banheiros, bebedouros e árvores*. Belo Horizonte, 2024. Disponível em: <https://www.em.com.br/politica/2024/09/6952979-na-praia-da-estacao-duda-critica-falta-de-banheiros-bebedouros-e-arvores.html>. Acesso em: 29 nov. 2024.
- UFMG. *Festival TransViva, em BH, celebra Dia Nacional da Visibilidade Trans*. 2024. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/festival-transviva-em-bh-celebra-dia-nacional-da-visibilidade-trans>. Acesso em: 29 nov. 2024.

Anexo

Questões da entrevista semi-estruturada por meio de redes sociais.

1. Você se considera umx banhista da Praia da Estação?
2. Como você definiria uma pessoa que frequenta o Praia da Estação?
3. Por que é importante ocupar o espaço urbano?
4. Você considera o Praia como um movimento social?